

O Papel das Universidades na Gestão das Alterações Climáticas

XXXIV Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa

Beira, Moçambique, 2025



O português e o crioulo guineense no ensino e na aprendizagem: tensões, desafios e oportunidades

Ana Poças

Docente, aps@esept.pt

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Portugal

1. Caracterização linguística da Guiné-Bissau

Guiné-Bissau é um pequeno território, habitado por várias etnias falantes de cerca de 20 línguas consideradas línguas nacionais ou línguas étnicas (Couto & Embaló, 2010; Nassum, 1994). Apesar de não haver consenso quanto ao número de etnias, cerca de 82% da população é representada por cinco grupos étnicos: Fula 24%, Balanta 23%, Mandinga 14%, Manjaco 12% e Papel 9% e por minorias como Beafadas, Mancanhas, Bijagós, Felupes, Baiotes, Cassangas, Djacancas, Nalús, Sossos, Tandas, Padjadincas, Saracolés, Nalu, Mansoanca e Landumas (Monteiro, 2005; MEN, 2013; MEN, 2017; FEC, 2017).

Pelo longo período de dominação colonial e pela necessidade de comunicação entre os povos guineense e português, surgiu uma língua crioula que tem base lexical portuguesa (Scantamburlo, 1999; Cá & Rubio, 2019). O crioulo guineense é a língua veicular e de unidade nacional que, juntamente com as línguas nacionais, são as mais faladas no quotidiano (Nassum, 1994; Hovens, 2002; Couto & Embaló, 2010; Cá & Rubio, 2019).

A sociedade guineense lida ainda diariamente com três línguas com estatutos, hierarquias e utilizações desiguais: línguas nacionais, língua veicular e língua oficial (Benson, 2010; Martins, Gomes & Cá, 2016).

A língua oficial e de instrução na escola é o português e o seu uso é limitado a uma muito pequena parte da população, 13% nas estimativas mais otimistas (Couto & Embaló, 2010). É mais utilizada nos meios oficiais (documentos e atos governamentais) e em alguns meios de comunicação mas é pouco falada pelos estudantes fora da escola (Benson, 2010; MEN, 2017; Cá & Rubio, 2019).

Segundo Scantamburlo (2013) alguns fatores para o aumento do número de falantes de crioulo guineense foi o aumento do número de alunos, uma vez que a escola também é veículo de aprendizagem dessa língua, assim como, o alargamento dos aglomerados urbanos e a imigração para os países vizinhos, que obriga à aprendizagem do crioulo guineense para a realização das tarefas quotidianas.

A utilização das línguas nacionais como línguas de instrução potencia todas as capacidades das crianças em idade escolar e os resultados a nível de qualidade de educação, reduzindo as desigualdades sociais e, inversamente, a escolarização numa língua não materna conduz a taxas de alfabetização baixas, alto abandono escolar e de reprovação (CGE, 2013).

Em países de baixos rendimentos, nem as escolas nem as políticas linguísticas tendem a ser suficientemente flexíveis para utilizar os recursos linguísticos dos contextos locais e

quaisquer estratégias desenvolvidas têm sido o resultado de esforços individuais de professores ou escolas (Benson, 2010).

2. Metodologia

A Guiné-Bissau tem um sistema educativo em desenvolvimento, e a realidade da sala de aula é complexa, razão pela qual é necessário compreender as percepções, experiências e conhecimentos dos diversos atores envolvidos (docentes, estudantes, comunidade e especialistas em educação). Assim, a metodologia adotada é de natureza qualitativa para aceder à reflexão, ao conhecimento e à experiência das pessoas intervenientes (Darlington & Scott, 2002). A metodologia qualitativa trabalha sobretudo com os significados, a compreensão, as motivações, as aspirações, os conhecimentos construídos, os valores e as atitudes (Cohen; Manion & Morrison, 2007) para o estudo a realizar.

A recolha de dados foi feita através da observação participante a 3 turmas do 4.º ano de duas escolas no meio rural de aulas de Língua Portuguesa e de aulas de Ciências Integradas (Silva, 2023). Para esta comunicação foram utilizados apenas os dados relativos às aulas de língua portuguesa.

Para complementar, foram usados dados de entrevistas semiestruturadas aos docentes observados, antes das observações e depois das observações, assim como, entrevistas à comunidade (Pais/ Encarregados de Educação ou pessoas que tinham familiares na escola) e especialistas em educação (Silva, 2023).

3. Análise de dados – a relação entre o crioulo guineense e a língua portuguesa dentro da sala de aula

No meio rural da Guiné-Bissau, as crianças não estão familiarizadas com a língua portuguesa, pelo que iniciam a escolarização formal numa língua totalmente desconhecida para elas. Para os três professores observados, o recurso ao crioulo guineense é a forma de se fazerem entender, de explicar os conteúdos, de comunicarem formal e informalmente com os estudantes. Esta é uma realidade comum na Guiné-Bissau

Na sala? O professor sempre utiliza o crioulo. (E3_Es)

Como sabe, há vantagens mas também há as suas desvantagens. Tem vantagens na medida em que permite ao aluno estar enquadrado com os conteúdos a tratar. (E4_Es)

Os professores ensinam as crianças primeiro a falar o crioulo guineense para depois elas aprenderem o português na vertente oral e escrita. A tradução não é, portanto, utilizada como estratégia complementar, mas como forma de o docente conseguir explicar melhor os conteúdos, o que reduz o tempo de exposição e de prática da língua portuguesa

Eu falo depois em crioulo para explicar. Só que se a pessoa falar em português e perguntar em crioulo para explicar em crioulo, vão explicar. (PA_EF)

Para mim atrapalha. Não digo que não mas para mim atrapalha. Pode haver outras leituras mas eu, na minha parte, o crioulo atrapalha um bocado. Porque o professor não usa o crioulo só para mostrar ao aluno, isto deve ser assim e não assim. Às vezes o professor passa o dia a falar crioulo, quando é que o aluno vai aprender a falar português? (E1_IE)

A questão coloca-se também do lado do professor. Os próprios docentes consideram que não são proficientes em língua portuguesa e por isso, utilizam frequentemente o crioulo guineense, mesmo nas aulas de português

Eu penso que há evidências. Cientificamente, está provado que nos primeiros anos ensinar conteúdos na língua materna dos estudantes acelera a absorção do conteúdo, não há dúvidas relativamente a isso. A grande dificuldade que nós vamos ter com o ensino bilingue, até nem tem a ver com o facto de a criança ter outra língua que não aquela em que está a ser escolarizada. Por exemplo, vamos imaginar que a criança seja bijagó e que tenha de estar a ser escolarizada em crioulo. O problema não se põe aí. O problema põe-se na formação do docente. (E6_FP)

O tempo de utilização da língua portuguesa é bastante baixo. Nas observações, não foi cronometrado o tempo, mas o que o Entrevistado 3, Especialista na Formação de Professores, refere não está muito longe do que foi verificado

Dificulta a aprendizagem da língua portuguesa porque nós não podemos estar a ensinar a língua portuguesa quando na verdade estamos a comunicar noutra língua. Temos uma aula de 45 minutos e nesses 45 minutos só usamos 15 minutos a língua portuguesa e os restantes minutos foram abordados todos os conteúdos em crioulo. Isso não facilita. Onde é que a língua crioula pode nos facilitar? É quando a pessoa leciona em português e chega a uma certa altura em que essa pessoa sente uma necessidade, para melhor transmitir o conhecimento, para melhor fazer passar a mensagem, vai buscar alguma parte, vai buscar um segmento em crioulo que é a língua quotidiana das crianças. Agora, falar crioulo, ter toda a aula em crioulo não facilita a não ser que a pessoa vá, simplesmente, a uma partícula, a um exemplo do crioulo que é para fazer com que os estudantes percebam melhor. (E3_FP)

Aliás, se considerarmos as competências linguísticas, a mais utilizada é a compreensão oral, uma vez que os professores dão instruções em português e os alunos entendem e fazem o que o professor diz. De seguida vem a compreensão escrita pois a maioria das aulas observadas são baseadas no livro, iniciando com a leitura e interpretação oral de um texto escrito. Posteriormente, a expressão oral, ainda que com muitas dificuldades por parte dos alunos, e por último a expressão escrita, muito raramente observada e em que as atividades realizadas foram cópias e ditados. Apenas o Professor 1 fez numa aula a escrita de frases por iniciativa dos alunos (Silva, 2023)

A expressão é, de facto, é muito complicada. A questão da interferência linguística, a interferência do crioulo, o facto de haver coisas muito semelhantes que lhes faz, automaticamente, pensar que é a mesma coisa, quando não é. Temos questões de interferência, de decalque e de desconhecimento de regras morfossintáticas da língua portuguesa por, precisamente, sobreposição dos dois sistemas. (E6_FP)

Eles percebem português bem mas não falam. Têm dificuldades ao falar. (PB_EF)

Não, isso foi igual só que o problema é de eles exprimirem-se, eles percebem, só que não falam, só percebem. Só que há termos que eles não percebem. Eu falo depois em crioulo para explicar. Só que se a pessoa falar em português e perguntar em crioulo para explicar em crioulo, vão explicar. Só que exprimir em português é que têm dificuldade, em falar, em exprimir-se oralmente, eles têm dificuldade. (PA_EF)

Bom, pode ser na exploração do texto [que os alunos têm maior dificuldade]. (PA_EI)

O português não é uma língua de comunicação usual no meio rural da Guiné-Bissau e, pelas dificuldades do professor e pela baixa exposição à língua oficial que os alunos têm, o crioulo guineense acaba por ser uma língua importante no ensino e aprendizagem. Essa é, de certo modo, a opinião do Professor B, tanto na Entrevista Inicial quanto na Final:

[Entrevistadora: Utiliza outras línguas na aula, que não seja a língua portuguesa?] Só crioulo. Para melhor percepção das crianças. (PB_EI)

Mas, ensinar em crioulo, penso que os alunos percebem o conteúdo melhor porque eles têm dificuldade em falar português. (PB_EF)

O coordenador do programa de ensino Bilingue constata que a compreensão em língua portuguesa é bastante limitada por parte dos alunos, fruto da pouca literacia de crianças e professores

E depois, a segunda vantagem é que eles entendem o ensino que é dado em Crioulo, porque nem os professores entendem o português. Muitas vezes eu tomo um texto português para traduzirem para crioulo, eles pegam a palavra portuguesa com um sentido só, aquele que conhecem de maneira limitada, quando no português há três, quatro ou cinco e acontece também que naquela frase tem outro sentido que eles não detetam, porque não percebem bem o significado da palavra naquele contexto. Então traduzem uma estupidez. Esta é a dificuldade mais grave. (E5_org)

Outras experiências nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, como no caso de Cabo Verde, são vistas com interesse e que, apesar das muitas diferenças entre os países, pode dar pistas de como é que o crioulo guineense pode ser introduzido e passar a ser uma mais-valia em termos educativos também na Guiné-Bissau

Faz sentido mas eu também sou da opinião que tivéssemos uma outra língua, como Cabo Verde está a ter, a língua crioula como língua de ensino e a língua portuguesa também. Isso ajudaria porque, na verdade, para podermos passar uma informação de uma forma clara tem de ser na língua que a criança ou o estudante domina. Agora, se a pessoa está a falar, está a utilizar uma língua, que a criança não domina, essa criança não vai reter o conteúdo essencial da aula. Então, que seja o ensino bilingue. Seria o ideal. Mas sem esquecer que a língua portuguesa é a língua oficial. (E3_FP)

A questão do crioulo guineense ser ensinado na sala de aula, a par do português, apesar de parecer prejudicial para o ensino da língua de instrução, não parece ser um problema para alguns dos entrevistados, que encaram esta aprendizagem como uma vantagem, já que, no meio rural, o crioulo guineense não é tão falado como no meio urbano

Há diferença porque os alunos aprendem muitas coisas na escola que transmitem na tabanca. Mesmo falando com os velhos, aqueles que não tiveram aulas, aprendem através desses alunos. Falando com os colegas na rua, os que não têm escola aprendem com esses alunos alguns termos que eles nunca ouviram. Nesta tabanca, dantes, no ano 2010 muitas, muitas crianças que não sabiam falar crioulo. Mesmo os adultos, os adolescentes, não sabiam falar crioulo. Agora as crianças falam, até falam português, quer dizer que a escola faz alguma coisa pela tabanca. (PA_EF)

Este é um facto de Nassum (1994) já constatava, que a expansão da escolarização favoreceu o aumento de falantes de crioulo guineense. O Professor C também considera que é aspeto positivo porque esta tem a função de língua franca, com uma forte ligação à tradição e, sobretudo, à identidade cultural

É importante porque é a única língua que falamos em tradição. É a nossa língua e quase podemos dizer que é a língua nacional. Aqui é a introdução. Devemos saber escrever a nossa língua porque é uma língua que uniu todos os guineenses. (PC_EI)

Num país multilíngue, o crioulo guineense é, de facto, uma língua de união, aquela em que a população se faz entender,

Quem fala crioulo na Guiné-Bissau são 60%, 70%. Os que entendem crioulo são 90%. Porque com as rádios comunitárias e a guerra de 98, todos foram obrigados a falar crioulo. Bissau tem um terço da população da Guiné-Bissau. Esta mistura de raças, de etnias, o que falam todos os dias? (E5_org)

O crioulo guineense tem uma importância fulcral mas apesar do seu papel central no ensino, na aprendizagem e na sociedade, alguns dos entrevistados ainda assim consideram o que o português deverá continuar a ser língua de ensino

Têm a possibilidade de falar a língua portuguesa. É a nossa língua oficial, é a língua de trabalho. A língua portuguesa é a língua de trabalho. Por mais que a pessoa não perceba, vamos tentar falar com essa pessoa, um dia vai saber falar português. Se os alunos não percebem o texto e se vamos falar crioulo, a nossa língua de ensino pode ser o crioulo, mas assim nunca mais as pessoas vão falar português. (PA_EF)

Porque é a minha língua oficial. (PB_EI)

De qualquer maneira, na administração ainda não temos crioulo. Quando vier a trabalhar na administração pública, não é crioulo que você vai escrever. Você vai ensinar as pessoas em crioulo? Depois chega a um cargo e a língua oficial de trabalho é o português, como é que vão fazer? Se você faz essa reforma, tem de ir ao fundo da questão em toda a administração, senão não vale a pena. Ensina em crioulo e os documentos oficiais estão todos em português. É um problema. Eu penso que devemos reforçar a língua portuguesa, há muitas metodologias. (E5_IE)

Há também razões do foro prático, a introdução do crioulo guineense como língua de instrução seria morosa e dispendiosa a nível de formação de professores e de materiais a serem elaborados de suporte

Há muito trabalho a fazer se deixarmos agora de utilizar o português como a língua do ensino. Nós temos de voltar atrás para escrever os livros, fazer os manuais em crioulo, até quando? Vais ter muito tempo atrasado. É melhor aperfeiçoarmos o português que nós temos já e adequar a nossa cultura linguística com o que é exigido nas escolas. (E4_IE)

O ideal é que os professores fossem proficientes nas duas línguas e que as soubessem distinguir perfeitamente na sala de aula, assim como conhecessem a sua função

As maiores dificuldades estão relacionadas com o facto de não conhecerem a relação entre a língua portuguesa e a língua mais falada na Guiné-Bissau, a língua nacional, o crioulo da Guiné-Bissau. Não conhecem a relação entre crioulo da Guiné-Bissau e a língua portuguesa. Conhecendo essa relação entre crioulo da Guiné-Bissau e a língua portuguesa acho que vai ser fácil elaborar um currículo de formação para a língua portuguesa. Essa linha deve ser tida em conta. Os guineenses misturam muito o crioulo com o português. É diferente dos angolanos. Eu vejo que os angolanos, mesmo com o sotaque deles, talvez falam um português mais à Angola, do que nós um português em relação à Guiné-Bissau. Nós misturamos tudo, mas somos traídos pela nossa língua nacional, o crioulo. A nossa maior dificuldade é a relação entre crioulo e a língua portuguesa. (E1_FP)

Outra preocupação dos entrevistados é que a língua seja uma abertura ao mundo e que, através desta, o sistema de ensino guineense não se feche em si, mas que comunique com outros (Silva, 2023), especialmente, no ensino superior

A meu ver tem de ser em língua portuguesa. Ainda que possam adotar o ensino bilingue, o português tem de estar no centro. A nossa língua acaba aqui dentro do nosso território, a língua do conhecimento, a língua do saber, a língua da ciência tem de ser a língua portuguesa. A maioria dos casos, acaba por dar fruto mas já num nível um pouquinho mais avançado. No nível básico, as crianças pouco aprendem a língua portuguesa. (E4_FP)

É muito importante, é a língua oficial. É a língua que nós podemos compreender e comunicar com outras pessoas. Crioulo só aqui na Guiné-Bissau e Cabo Verde. É a língua de trabalho. (PA_EF)

Há, de facto, desafios grandes na aprendizagem da língua portuguesa nas salas de aula da Guiné-Bissau, quer pela falta de formação dos professores, quer por o português não ser uma língua comumente falada na sociedade guineense. A excessiva utilização do crioulo guineense cria dificuldades na aquisição da língua oficial. Por outro lado, é pelo crioulo guineense que os docentes se fazem entender e através do qual as crianças aprendem. Poderia o sistema ter ferramentas para tornar estes desafios e tensões em oportunidades de ensino mais significativas e relevantes para alunos e professores?

Considerações finais

As línguas desempenham um papel central na construção de uma sociedade, pois são instrumentos de comunicação, e símbolos de identidade e de pertença. Elas criam pontes entre indivíduos e comunidades, promovem o diálogo.

O português e o crioulo guineense deveriam ter um papel de complementaridade na construção de uma sociedade que, por um lado, promove a sua identidade cultural, e por outro, está aberta ao mundo.

Referências

BENSON, Carol (2010). How multilingual African contexts are pushing educational research and practice in new directions. *Language and Education*, 24(4), 323-336. <https://doi.org/10.1080/09500781003678704>

BROCK-UTNE, Birgit (2017). *Multilingualism in Africa: Marginalisation and empowerment*. In Hywel Coleman (Ed.), *Multilingualisms and Development (Selected Proceedings of the 11th Language & Development*

Conference, New Delhi, India, 2015), 61-78. London by the British Council. <http://www.langdevconferences.org/publications/2015-NewDelhi/MultilingualismsandDevelopment-Coleman-ed-completepublications.pdf>

CÁ, Imelson Ntchala; & RUBIO, Cássio Florêncio (2019). O perfil dos estudantes e a realidade do ensino de língua portuguesa em Guiné-Bissau. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 58(1), 389-421. <https://doi.org/10.1590/010318138654232462591>

COHEN, Louis; MANION, Lawrence; & MORRISON, Keith (2007). *Research Methods in Education* (6th ed.). London and New York: Routledge, Taylor & Francis Group.

COUTO, Hildo Honório do; & EMBALÓ, Filomena (2010). Literatura, Língua e Cultura na Guiné-Bissau. Um país da CPLP. PAPIA: *Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico*, 20. <http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/1702/1513>

DARLINGTON, Yvonne; & Scott, Dorothy (2002). *Qualitative research in practice. Stories from the field*. Crows Nest: Allen & Unwin.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL (MEN) (2017). *Plano Sectorial da Educação da Guiné-Bissau (2017-2025)*. República da Guiné-Bissau.

NASSUM, Manuel (1994). Política linguística pós-colonial: ruptura ou continuidade?. *Soronda – Revista de Estudos Guineenses*, 17, 45-78.

SCANTAMBURLO, Luigi (1999). *Dicionário do Guineense, vol. 1: Introdução e notas gramaticais*. Lisboa: Edições Colibri/ FASPEBI.

SILVA, Ana Manuela Poças Fernandes da (2023). *Educação em meio rural: contributos para contextualizar o currículo na Guiné-Bissau*. [Doctoral dissertation, Universidade do Minho]. Repositório Institucional da Universidade do Minho. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/86492>